

MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

Conhecer o Património de Vila Franca de Xira

Perspectivas de Gestão de Bens Culturais



10. O povoado do Bronze Final e Idade do Ferro do Vale de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira

HENRIQUE MENDES¹ E JOÃO PIMENTA²

1. Introdução

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico e escavação do Vale da Ribeira de Santa Sofia (VRSS06) foram despoletados pelo projecto de execução do Parque Urbano do mesmo nome, nas imediações do núcleo urbano da cidade de Vila Franca de Xira.

Este projecto de valência ambiental previa a alteração da cobertura vegetal, assim como uma profunda adulteração na modulação da encosta do vale a intervir. Face aos inevitáveis impactos que esta obra teria nos níveis arqueológicos aí existentes, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira incumbiu os presentes signatários de efectuarem o seu acompanhamento desde uma fase inicial.

A área de intervenção situa-se na encosta do vale de Santa Sofia, ocupando uma vasta área de cerca de seis hectares de hortas e mato. Encontra-se delimitada a norte pela Rua 25 de Abril, a sul pelo caminho antigo que conduz ao Bairro do Bom Retiro e a este e oeste por limites de propriedades agrícolas (FIG. 1).

Figura 1
Vista geral sobre o Bairro
do Bom Retiro.



¹ Licenciado em História pela Universidade Autónoma de Lisboa.
Arqueólogo Estagiário no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

² Mestre em Pré-história e Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
Arqueólogo Estagiário no Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

Este espaço caracteriza-se pela sua topografia de vale abrigado, abundante em águas e com terrenos férteis até há bem pouco tempo fruídos para actividades de agricultura e pecuária. Estas características de implantação fizeram com que este espaço fosse desde cedo, procurado por comunidades humanas para aqui se estabelecerem.

2. Enquadramento histórico

Situado fora do termo da Vila medieval, poucos são os dados documentais de que dispomos acerca desta zona eminentemente rural. Apesar deste aparente silêncio das fontes, alguns achados esporádicos e a análise da toponímia permitiam antever a potencialidade do sítio.

Embora os dados arqueológicos acerca desta área sejam escassos, em finais do século XIX ocorreu a descoberta na estrada de A-dos-Bispos, junto ao actual bairro do Bom Retiro, de uma ânfora romana coberta por um tijolo contendo um tesouro de moedas do Baixo-Império (Parreira, 1988).

Associado a este sítio encontra-se o micro topónimo Torre, o qual é relacionado com uma lenda local de uma moura encantada. Esta ocorrência poderá estar ligada à existência de uma antiga estrutura defensiva de tipo atalaia mais para o interior do vale.

Baseados no foral de Vila Franca, datado de 1212, desde cedo se fez notar a existência de dois núcleos distintos de ocupação medieval. Um de fundação pós-reconquista cristã e que está na origem da actual cidade, situado numa ligeira elevação nas imediações da antiga estrada romana, e um núcleo mais recuado preexistente denominado Xira ou Cira. Esta Cira islâmica, deveria estar instalada num ponto alto, dominando a paisagem e os férteis vales do interior, tendo já sido proposto a sua coincidência com o local do actual bairro do Bom Retiro (Lucas, 2003).

3. Metodologia

Face à dimensão da área a intervir delineou-se, antes de iniciarmos os trabalhos, a divisão do vale em dois sectores distintos e a implantação de uma quadrícula de 4 m de lado em todo o terreno.

A intervenção consistiu em duas fases distintas e complementares:

Primeira fase:

Face à inexistência de conhecimento prévio acerca de ocupações antigas na área a intervir, efectuámos trabalhos de prospecção intensiva em todo o vale. Este reconhecimento debateu-se nas primeiras batidas de campo com problemas de invisibilidade arqueológica, face à densa cobertura vegetal que cobria ainda algumas das zonas a prospectar.

Ao iniciarmos os primeiros reconhecimentos no terreno, deparámo-nos com a inesperada dispersão de vestígios em diversas áreas do vale indicativas de uma longa diacronia de ocupação:

- Junto ao paredão de contenção da Ribeira de Santa Sofia no Sector 2, dispersos pelo terreno, fruto dos trabalhos de regularização do caudal da mesma, recolheram-se alguns fragmentos de artefactos em sílex e quartzito que apontam para uma ocupação pré-histórica, possivelmente do período Paleolítico.
- A par desta ocorrência detectou-se em diversas zonas do Vale manchas de dispersão de materiais romanos. Estas manchas apresentam dimensões variáveis sendo indicativas de possíveis zonas de habitat. A presença de materiais de construção, cerâmica comum, cerâmicas finas de importação e ânforas, atestam uma eventual exploração agrícola do vale apoiada em diversos «casais agrícolas» desde meados do século I d.C.

Segunda fase:

Perante a informação aferida da análise das manchas de dispersão dos materiais detectados em prospecção e dos resultados do decorrer do acompanhamento da obra, optou-se por abrir sondagens diagnósticas nas zonas que se nos afiguravam de maior interesse.

Junto ao leito da ribeira numa área aplanada mais perto do viaduto da auto-estrada, decidimos abrir a primeira sondagem face aos prometedores resultados dos trabalhos de prospecção aí efectuados.

A sua escavação permitiu confirmar a existência de uma ocupação de época romana Alto-Imperial, possivelmente relacionada com a exploração agrícola do fértil vale de Santa Sofia.

Como o projecto não previa qualquer remoção de subsolo nesta área em questão, foi acordado tapar a sondagem, tendo-se monitorizado a modelação do terreno que foi regularizado a uma cota superior, tendo aqui sido depositadas terras de outra zona do vale, ficando preservado como reserva arqueológica para as gerações vindouras.

4. A descoberta e escavação do Povoado de Santa Sofia

Em Agosto de 2006, no decorrer do acompanhamento da abertura dos caminhos pedestres para o futuro parque, deparámo-nos com uma estrutura negativa aberta no substrato geológico da encosta do Sector 1. Para efectuarmos um registo e uma leitura mais adequados desta realidade decidimos abrir uma sondagem de dois metros por dois, paralela a este corte.

A análise do corte sul, permitiu verificar uma boa potência estratigráfica de cerca dois metros assentando directamente sobre o substrato geológico.

Entre o espólio recolhido destaca-se o conjunto cerâmico de época romana.

A par deste conjunto homogéneo bem datado de meados do século I/II d.C. foram recolhidos alguns materiais cerâmicos indicativos de uma ocupação anterior possivelmente numa cota superior da encosta. Entre estes destacam-se alguns fragmentos de cerâmica manual de tradição da Idade do Bronze, assim como um pequeno conjunto de cerâmicas pré-romanas que se inserem tipologicamente nos materiais de influência do Mundo Fenício no vale do Tejo.

Esta realidade só se veio a consubstanciar no terreno com o decorrer da monitorização dos trabalhos. A presença de terras remexidas no topo do sector 2 junto ao Bairro do Bom Retiro alertou-nos para a eventual presença de estruturas de época proto-histórica nesta área. Contactados os responsáveis da obra, fomos informados que resultavam da abertura de uma vala com cerca de um metro de profundidade para a transplantação de oliveiras que tinha sido necessário remover de outra zona do vale.

A limpeza e crivagem dos sedimentos revelaram a presença inesperada de abundante espólio de época romana assim como inúmeros fragmentos de cerâmica manual que nos remetem para cronologias mais recuadas (Bronze Final e Idade do Ferro).

Face ao mencionado decidimos abrir uma sondagem com o objectivo de aferir a existência de estratigrafia preservada para contextualizar os abundantes materiais aí exumados.

Perante a análise do terreno e face à abundância de espécies arbóreas aí existentes optámos por fazer incidir a nossa atenção numa zona restrita que se nos afigurou a mais adequada. Abriu-se uma sondagem de dois metros por dois, iniciando-se os trabalhos com a limpeza e desmatação da área.

Infelizmente, devido a grande intempérie a partir de finais de Outubro, não foi possível concluir a escavação nesta sondagem, tendo as fortes chuvadas provocado o abater dos cortes da mesma.

Em finais de Setembro, na sequência da abertura não planeada de um extenso corte, efectuado por maquinaria, junto à Sondagem que aí estávamos a efectuar, tivemos a oportunidade de detectar uma importante sequência estratigráfica.

A limpeza e registo deste corte, permitiu contextualizar a informação proveniente dos trabalhos de crivagem das terras, do transplante das oliveiras, vindo sublinhar a importância da ocupação desta plataforma superior do Sector 2 junto ao Bairro do Bom Retiro.

A limpeza da área abrangida pelo corte mecânico, revelou que a sequência estratigráfica mais antiga, bem datada dos finais da Idade do Bronze se prolongava para norte até à estrada, permanecendo no terreno restos de materiais e estruturas em bom estado de conservação. Entre eles destaca-se um pote de armazenamento em cerâmica manual fracturado *in situ*.

Face à importância dos elementos recolhidos e da leitura em corte da estratigrafia decidiu-se alargar o espaço da intervenção e abrir uma extensa frente de trabalho com cerca de 60 metros quadrados, fazendo a ligação com a Sondagem 3.

Para nos auxiliar nesta nova frente foram colocados à nossa disposição, a partir do dia 28 de Setembro, uma equipa de quatro trabalhadores indiferenciados para auxiliar com os trabalhos mais pesados.

Perante a extensão do corte, cerca de oito metros, e a diferença de cotas entre as duas plataformas criadas artificialmente pelos trabalhos de maquinaria, optámos por iniciar os trabalhos com a escavação em área da plataforma superior pelas unidades estratigráficas detectadas em corte.

Esta opção prendeu-se com a necessidade metodológica de efectuar leituras sincrónicas, das diversas fases de ocupação patentes desde uma primeira análise do espólio exumado.

Iniciámos os trabalhos com a limpeza da área e a remoção dos níveis revolvidos:

A análise preliminar do espólio cerâmico e metálico exumado na UE [28], permite aferir uma cronologia relativa centrada em época romana Alto-Imperial, meados do século I/II d.C. Entre o espólio recolhido destaca-se a presença de cerâmicas finas importadas do sul da Gália (*Terra Sigillata*) e ânforas Lusitanas e Béticas atestando a dinâmica comercial deste povoado.

Removida esta unidade foi possível colocar a descoberto a continuação da estrutura pétreua UE [30]. A sua análise e registo gráfico permitem verificar alguma complexidade construtiva, parecendo-nos nesta fase, podermos estar perante o que resta de um ambiente de habitat, possivelmente relacionado com os alicerces de estruturas percíveis do tipo cabanas (FIG. 2). A confirmar esta leitura temos diversos elementos de barro de revestimento com o negativo dos entrelaçados de restos de material orgânico.

A análise do espólio cerâmico e lítico da UE [29], associada a estas estruturas permite-nos enquadrá-las nos finais da Idade do Bronze inícios da Idade do Ferro (FIG. 3).

Embora a escavação ainda não esteja concluída o estudo do conjunto cerâmico permite-nos sugerir uma datação deste ambiente situada num momento impreciso que podemos situar em cronologia tradicional em meados do século VIII/VII a.C.

Os fragmentos de cerâmica manual revelam uma predominância de grandes contentores de armazenamento, que deveriam servir para guardar os excedentes agrícolas (FIG. 3, N.º 7 A 11 E N.º 23 A 24). Registe-se ainda a presença de taças e potes de acabamento cuidado com as superfícies polidas devendo pertencer a serviços de mesa (FIG. 3, N.º 1 A 6). Entre os artefactos líticos destaca-se um movente de mó em granito.

Embora o conjunto seja dominado esmagadoramente por cerâmicas manuais de tipologia do Bronze Final (78% da amostragem), as primeiras importações do mundo fenício estão aqui bem representadas. Estas encontram bons paralelos na foz do Tejo nos níveis mais antigos dos povoados

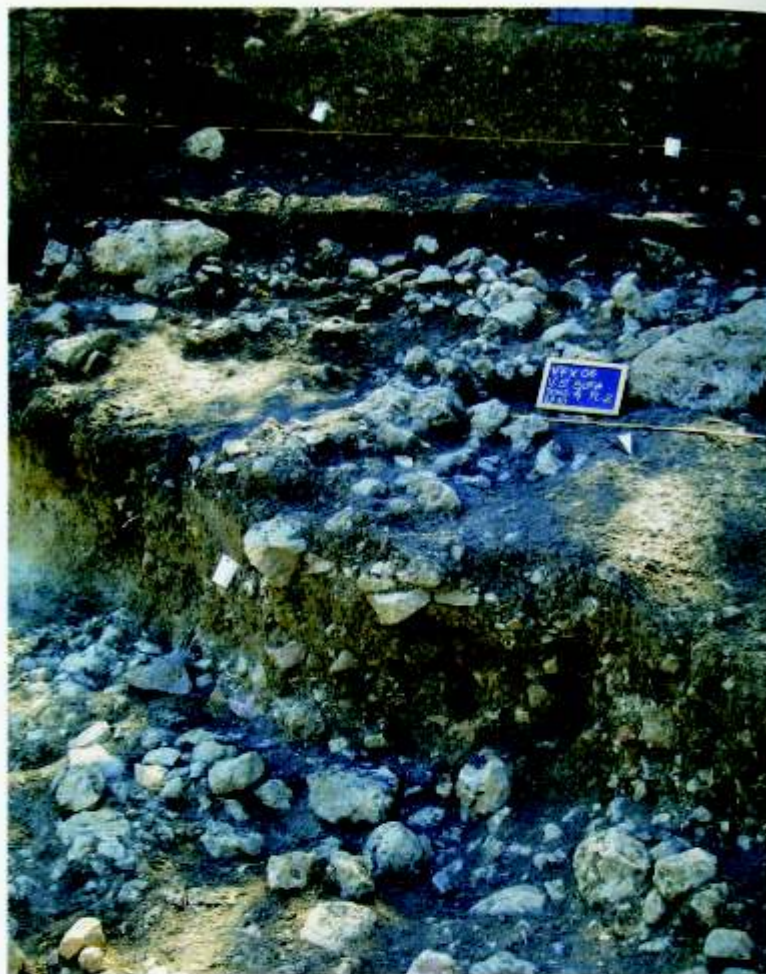
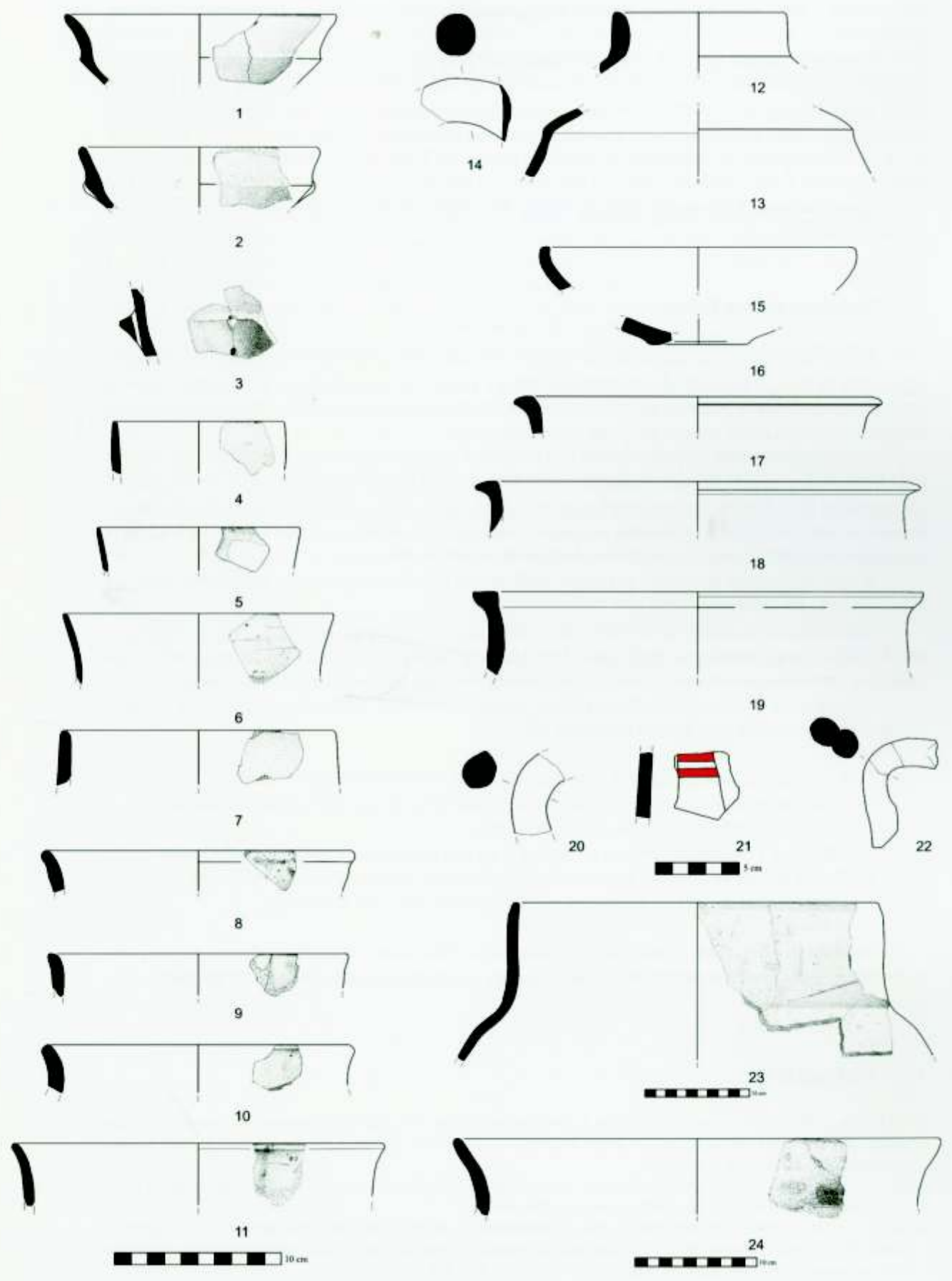


Figura 2
Alicerces de estruturas percíveis do tipo cabanas.

Figura 3
Espólio cerâmico.



do Almaraz e em Lisboa (Arruda, 2002) e mais para montante na alcáçova de Santarém (Arruda, 2005).

Embora o estudo ainda se encontre numa fase preliminar, uma primeira leitura do espólio cerâmico exumado, permite identificar algumas das formas cerâmicas mais típicas deste período. Entre estas destaca-se os contentores de armazenamento do tipo *Phitoi* (alguns fragmentos ainda preservando a típica decoração em bandas bicromas vermelhas e negras) (FIG. 3, N.º 16 A 19 E N.º 21 E 22), fragmentos de ânforas de tipologia fenícia do Tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, (1995) (FIG. 3, N.º 12 A 14), taças de cerâmica cinzenta fina polida (Figura 3, n.º 15 e 16), taças engobadas e alguns escassos fragmentos em mau estado de conservação que podem pertencer a pratos de engobe vermelho.

5. Considerações finais

Apesar de a escavação ainda não se encontrar totalmente concluída, o resultado do acompanhamento de todo o projecto de execução do futuro parque urbano de Santa Sofia, assim como a abertura de diversas sondagens no vale, permitem desde já tecer algumas considerações acerca da ocupação humana deste espaço ao longo da sua diacronia.

Um dos dados mais surpreendentes dos trabalhos até ao momento realizados prende-se com a inesperada descoberta de uma ocupação proto-histórica da plataforma superior do sector 2 junto ao Bairro do Bom Retiro. Embora ainda não seja claro qual o tipo e a real dimensão da estação, os primeiros estudos apontam estarmos perante um habitat de meia encosta que aproveitaria as boas condições de visibilidade e a abundância de água de nascente desta área.

A escavação ainda em curso, permitiu verificar que este habitat sofreu os primeiros contactos com o mundo fenício em meados do I Milénio a.C.

Estes mercadores provenientes do mediterrâneo oriental chegaram ao vale do Tejo em inícios do século VIII a.C. em cronologia tradicional (Arruda, 2005), tendo estabelecido entrepostos comerciais junto dos povoados pré-existentes de *Olisipo* (Lisboa), Almaraz (Almada), e *Scallabis* (Santarém).

Aguardamos que o retomar da escavação durante o verão de 2007, permita clarificar algumas das questões que nesta fase apenas podemos aflorar:

- 1 - A questão da real extensão do povoado da Idade do Bronze/Idade do Ferro.
- 2 - A sua sequência estratigráfica e a eventual existência de um nível selado em que as influências fenícias ainda não se façam sentir.
- 3 - Clarificar a ocupação romana no Sector 2 e a sua associação a eventuais estruturas.
- 4 - Tentar definir se possível a ocupação pré-histórica e medieval do vale detectada em prospeção e que até ao momento não foi possível aferir em escavação.

Em jeito de conclusão, gostávamos de salientar a colaboração e o interesse demonstrado pelas partes envolvidas que tem permitido o desenrolar das investigações sem qualquer atraso para o projecto do parque.

6. Bibliografia

- AMARAL, J. (1997) – Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros. Leitura actualizada de Maria Cristina Marques. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Colecção Património local. Edições do Museu Municipal. N.º 4. II Volume.
- ARRUDA, A. M. (2002) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2005) – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: Geografias e cronologias. In *Actas del III Simpósio Internacional de arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume I. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida, p. 277-303.

- BARKER, P. (1986) – *Understanding archaeological excavation*. B. T. Batsford Limited. London.
- BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. Courier International Ltd. B. T. Batsford Limited. London.
- CAMACHO, C.; CALAIS, C.; NUNES, G. (1996) – A presença romana no concelho de Vila Franca de Xira: Investigar, divulgar e animar. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 179-191.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa. Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A baixa estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): Estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 7. Número 1, p. 227-271.
- CATARINO, H. (2000) – O Castelo de Povos (Apontamentos sobre o período Islâmico em Vila Franca de Xira). In *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 43-51.
- FABIÃO, C. (1996) – Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 372-390.
- FÉLIX, P. (2006) – O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo norte (Centro de Portugal): Uma breve síntese dos dados arqueográficos. *Conimbriga*. Coimbra. 45, p. 65-92.
- GUERRA, A. (1995-97) – A respeito do nome de Vila Franca de Xira. In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 7, p. 155-165.
- GUERRA, A.; BLOT, M. L.; QUARESMA, J. C. (2000) – Para o enquadramento do sítio de Povos, um estabelecimento romano do curso inferior do Tejo. In *Catálogo da Exposição. Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 29-42.
- HARRIS, E. C. (1989) – *Principals of archaeological stratigraphy*. 2nd edition, London-San Diego: Academic Press.
- LUCAS, M. M. (2003) – Vila Franca de Xira: História, Urbanismo e Identidade. In *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 99-116.
- PARREIRA (1988) – Inventário do Património Arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 390-6. In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 3, p. 96-105.
- RAMON TORRES, J. (1995) – *Las Ânforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col. Lección Instrumenta. 2. Barcelona. Publicacions universitat de Barcelona.
- SILVA, C. T. (2005) – A presença Fenícia e o processo de orientalização nos estuários do Tejo e Sado. In *Actas del III Simposio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Periodo Orientalizante*. Volume II. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida, p. 749-765.
- VILAÇA, R.; ARRUDA, A. M. (2004) – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga*. Coimbra. 43, p. 11-45.